



KHALED HOSSEINI

## UM

*Dezembro de 2001*

EU ME TORNEI O QUE SOU HOJE aos doze anos, em um dia nublado e gélido do inverno de 1975. Lembro do momento exato em que isso aconteceu, quando estava agachado por detrás de uma parede de barro parcialmente desmoronada, espiando o beco que ficava perto do riacho congelado. Foi há muito tempo, mas descobri que não é verdade o que dizem a respeito do passado, essa história de que podemos enterrá-lo. Porque, de um jeito ou de outro, ele sempre consegue escapar. Olhando para trás, agora, percebo que passei os últimos vinte e seis anos da minha vida espiando aquele beco deserto.

Um dia, no verão passado, meu amigo Rahim Khan me ligou do Paquistão. Pediu que eu fosse vê-lo. Parado ali na cozinha, com o fone no ouvido, sabia muito bem que não era só Rahim Khan que estava do outro lado daquela linha. Era o meu passado de pecados não expiados. Depois que desliguei, fui passear pelo lago Spreckels, na orla norte do parque da Golden Gate. O sol do início da tarde cintilava na água onde navegavam dezenas de barquinhos em miniatura, impulsionados por um ventinho ligeiro. Olhei então para cima e vi um par de pipas vermelhas planando no ar, com rabiolas compridas e azuis. Dançavam lá no alto, bem acima das árvores da ponta oeste do parque, por sobre os moinhos, voando lado a lado como um par de olhos fitando San Francisco, a cidade que eu agora chamava de lar. E, de repente, a voz de Hassan sussurrou nos meus ouvidos: “Por você, faria isso mil vezes!” Hassan, o menino de lábio leporino que corria atrás das pipas como ninguém.

Sentei em um banco do parque, perto de um salgueiro. Pensei em uma coisa que Rahim Khan disse um pouco antes de desligar, quase como algo que lhe houvesse ocorrido no último minuto. “Há um jeito de ser bom de novo.” Ergui os olhos para as pipas gêmeas. Pensei em Hassan. Pensei em *baba*. Em Ali. Em Cabul. Pensei na vida que eu levava até que aquele inverno de 1975 chegou para mudar tudo. E fez de mim o que sou hoje.



KHALED HOSSEINI

## SETE

NO DIA SEGUINTE, ENQUANTO PREPARAVA meu chá preto para o café da manhã, Hassan me contou que tinha tido um sonho.

— Estávamos no lago Ghargha — disse ele. — Você, eu, o pai, *agha sahib*, Rahim Khan e mais um monte de gente. Fazia sol, a temperatura estava ótima e o lago estava límpido como um espelho. Mas ninguém estava nadando porque andavam dizendo que um monstro tinha vindo para o lago. Estava escondido lá no fundo, só esperando...

Encheu a minha xícara, acrescentou o açúcar e soprou algumas vezes. Pôs então o chá diante de mim.

— Era por isso que todos estavam com medo de entrar na água. De repente, você descalçou os sapatos, Amir *agha*, e tirou a camisa. “Não tem monstro nenhum aí”, disse. “Vou mostrar a todos vocês.” E, antes que alguém pudesse impedi-lo, mergulhou na água e começou a nadar. Mergulhei também e saímos os dois nadando.

— Mas você não sabe nadar!

— É um sonho, Amir *agha* — disse Hassan rindo. — A gente pode fazer qualquer coisa. Seja como for, todo mundo começou a gritar: “Saíam daí! Saíam daí!”, mas nós continuamos a nadar na água fria. Chegamos sãos e salvos ao meio do lago e paramos. Viramos na direção da margem e acenamos para as pessoas que estavam paradas lá. Pareciam formiguinhas, mas podíamos ouvir os seus aplausos. Agora estavam vendo. Não tinha monstro nenhum ali, só água. Depois disso, mudaram o nome do lago, que passou a se chamar “Lago de Amir e Hassan, sultões de Cabul”, e podíamos cobrar das pessoas que quisessem ir nadar lá.

— E o que isso significa? — perguntei eu.

Ele passou geléia no meu *naan* e botou em um prato.

— Sei lá... Tinha esperanças que você me explicasse.

— Ora, é um sonho besta. Não acontece nada...

— O pai diz que os sonhos sempre querem dizer alguma coisa. Tomei uns goles do meu chá.

— Então, por que não vai perguntar a ele, já que é tão esperto — disse eu, mais rispidamente do que pretendia. Não tinha dormido nada aquela noite. Meu pescoço e minhas costas estavam parecendo molas bem enroladas, e meus olhos pinicavam. De todo modo, tinha



sido uma peste com Hassan. Quase pedi desculpas, mas acabei não fazendo nada. Hassan ia compreender que eu estava nervoso. Ele sempre compreendia o que acontecia comigo.

Podia ouvir lá em cima o ruído da água escorrendo no banheiro de *baba*.

AS RUAS CINTILAVAM COM A NEVE FRESCA e o céu estava de um azul impecável. A neve recobria todos os telhados e pesava sobre os ramos das amoreiras mirradas que margeavam a nossa rua. Durante a noite, tinha se infiltrado em cada fenda ou vala. Precisei apertar os olhos diante daquele branco ofuscante quando Hassan e eu saímos pelo portão de ferro fundido. Ali fechou o portão depois que passamos. Ouvi que murmurava baixinho uma oração — sempre fazia isso quando o filho saía de casa.

Nunca tinha visto tanta gente em nossa rua. Crianças atirando bolas de neve, brigando, correndo atrás umas das outras, rindo. Competidores às voltas com os seus ajudantes, fazendo os últimos preparativos. Das ruas adjacentes, podíamos ouvir gente rindo e conversando. Os telhados já estavam repletos de espectadores reclinados em cadeiras de jardim, com o chá quente fumegando nas garrafas térmicas e a música de Ahmad Zahir tocando em altos brados nos toca-fitas. O popularíssimo Ahmad Zahir revolucionou a música afegã e escandalizou os puristas acrescentando guitarras elétricas, bateria e trompetes aos instrumentos tradicionais, a tabla e o harmônio. No palco ou nas festas, ele desprezava a atitude austera e quase soturna dos cantores de antigamente e chegava mesmo a sorrir enquanto cantava — às vezes até para as mulheres. Olhei para o nosso telhado e vi meu pai e Rahim Khan sentados em um banco, ambos com suéteres de lã, tomando chá. *Baba* acenou. Não pude distinguir se tinha sido para mim ou para Hassan.

— Acho que é melhor a gente começar a se mexer — disse Hassan.

Ele estava usando botas de neve de borracha preta, um *chapan* verde brilhante por cima de uma suéter bem grossa e uma calça de veludo cotelê desbotada. A luz do sol batia em cheio no seu rosto e, com isso, dava para perceber como a marca rosada no seu lábio superior tinha cicatrizado bem.

De repente, me deu vontade de desistir. Pegar as minhas coisas e ir embora para casa. O que é que estava pensando? Por que estava me metendo nessa enrascada, se já sabia qual seria o resultado? *Baba* estava lá em cima do telhado, olhando para mim. Sentia o seu olhar no meu corpo como a gente sente o calor do sol ardente.



Ia ser um fracasso estrondoso, mesmo para alguém como eu...

— Não sei se estou a fim de empinar pipa hoje — disse.

— Está um dia lindo — retrucou Hassan.

Passei o peso do corpo de um pé para o outro. Tentei desviar os olhos do telhado lá de casa.

— Não sei, não. Talvez seja melhor voltar.

Então, ele deu um passo na minha direção e, baixinho, disse uma coisa que me deixou um pouco assustado.

— Não se esqueça, Amir *agha*. Não tem monstro nenhum; só um lindo dia.

Como eu podia ser assim tão transparente para ele quando, pelo menos em cinqüenta por cento das vezes, não fazia a menor idéia do que estaria passando pela sua cabeça? E era eu que ia ao colégio. Era eu que sabia ler e escrever. Era eu o inteligente. Hassan não era capaz de ler nem um livro de primeira série, mas podia me ler com a maior facilidade. Era um tanto perturbador, mas também um pouco reconfortante ter alguém que sempre sabia do que você estava precisando.

— Monstro nenhum... — repeti, sentindo-me um pouco melhor, para minha própria surpresa.

— Monstro nenhum — disse ele sorrindo.

— Tem certeza?

Ele fechou os olhos e fez que sim com a cabeça.

Olhei para aquelas crianças correndo pela rua, atirando bolas de neve.

— O dia está lindo, não está?

— Vamos lá? — indagou ele.

Ocorreu-me que talvez Hassan tivesse inventado aquele sonho. Seria possível? Decidi que não. Hassan não era tão esperto assim. *Eu* não era tão esperto assim. Mas, inventado ou não, aquele sonho idiota tinha diminuído um pouco a minha ansiedade. Talvez *devesse* tirar a camisa e nadar no lago. Por que não?

— Vamos lá — respondi.

O rosto de Hassan se iluminou.

— Ótimo — disse ele.

Ergueu a nossa pipa vermelha com as bordas amarelas e que trazia, logo abaixo do ponto em que as varetas se cruzam, a marca inconfundível da assinatura de Saifo. Lambeu os dedos e segurou a pipa lá no alto; testou o vento e, então, correu na sua direção — nas raras vezes em que empinávamos pipas no verão, ele chutava o chão para levantar poeira e ver para que lado o vento estava soprando. O carretel ficou rolando nas minhas mãos até Hassan



parar, a uns vinte metros de distância. Ficou segurando a pipa bem acima da cabeça, como um atleta olímpico que exhibe a medalha de ouro. Dei dois puxões na corda, o sinal combinado entre nós, e ele soltou a pipa.

Dividido entre *baba* e os mulás da escola, ainda não sabia muito bem o que pensar a respeito de Deus. Mas quando me veio à cabeça um *ayat* do Corão, que tinha aprendido na aula de *diniyat*, eu o repeti baixinho. Respirei fundo e comecei a puxar a corda. Em um minuto, a minha pipa estava subindo vertiginosamente pelos ares. Fazia um barulho que parecia um pássaro de papel batendo as asas. Hassan aplaudiu, assobiou, e correu de volta para perto de mim. Segurei firme na linha, e lhe entreguei o carretel que ele girou bem depressa para enrolar novamente a parte que tinha ficado solta.

Havia pelo menos umas vinte e tantas pipas no céu, como tubarões de papel perambulando à cata de uma presa. Em uma hora, esse número tinha duplicado, e pipas vermelhas, azuis e amarelas voavam e rodopiavam pelo ar. Um vento frio soprava em meu cabelo. Era o vento perfeito para empinar pipas, apenas forte o bastante para dar a elas alguma altitude e facilitar os movimentos. Ao meu lado, Hassan segurava o carretel com as mãos já sangrando por causa do cerol.

Logo a batalha começou e as primeiras pipas derrotadas já rodopiavam fora de controle. Caíam do céu feito estrelas cadentes, com as caudas luzidas e ondulantes, enchendo o bairro de troféus para os meninos que corriam atrás delas para apanhá-las. Era possível ouvi-los gritando e correndo pelas ruas. Alguém anunciou que tinha começado uma briga dois quarteirões adiante.

Continuei lançando olhares para *baba* sentado junto com Rahim Khan no telhado lá de casa, tentando imaginar o que estaria pensando. Será que estava torcendo por mim? Ou será que parte dele gostava de me ver fracassar? É isso que acontece quando a gente empina pipas: nossa cabeça sai voando junto com elas.

Agora, caíam pipas por todo lado e a minha ainda estava no ar. A minha ainda estava no ar. Meus olhos continuavam buscando *baba* agasalhado em sua suéter de lã. Será que estava surpreso ao ver que eu estava conseguindo resistir tanto? “Se tirar os olhos do céu, não conseguirá manter a pipa no ar por muito tempo.” Tratei então de olhar de novo para o céu. Uma pipa vermelha estava se aproximando da minha. Eu a notei bem na hora. Embolei um pouco com ela, mas acabei levando a melhor quando o outro empinador ficou impaciente e tentou me cortar por baixo.



Por todo canto, viam-se aqueles caçadores que voltavam triunfantes, erguendo bem alto as pipas que tinham capturado, exibindo-as para os pais e os amigos. Todos sabiam, porém, que o melhor ainda estava por vir. O maior dos prêmios ainda estava voando. Derrubei uma pipa amarela brilhante, com uma rabiola branca toda enroladinha. Esse feito me custou mais um talho no indicador e o sangue começou a escorrer pela palma da minha mão. Mandei Hassan segurar a linha e, depois de chupar o sangue, esfreguei bem o dedo na calça *jeans*.

Mais uma hora se passou e a quantidade de pipas que ainda resistiam tinha despencado de umas cinqüenta para cerca de uma dúzia. Consegui estar entre as doze finalistas. Sabia que essa parte da disputa ia ser um pouco mais demorada, porque os caras que tinham agüentado até ali eram bons — não cairiam facilmente, com armadilhas simples como o velho tentear e debicar, o truque favorito de Hassan.

Por volta das três da tarde, o céu foi ficando encoberto e o sol se escondeu atrás das nuvens. As sombras começaram a aumentar. Os espectadores que estavam nos telhados se agasalharam ainda mais, com cachecóis e casacos bem grossos. Já éramos só umas dez, e eu ainda estava voando. As minhas pernas doíam e o meu pescoço estava duro. Mas, a cada pipa derrubada, a esperança crescia no meu coração, como a neve que vai se acumulando em cima de um muro, um floco de cada vez.

Os meus olhos estavam sempre voltando a fitar uma pipa azul que vinha fazendo a maior devastação há cerca de uma hora.

— Quantas ele já derrubou? — perguntei.

— Contei onze — respondeu Hassan.

— Sabe de quem pode ser essa pipa?

Hassan estalou a língua e esticou o queixo para a frente. Aquele gesto era a sua marca registrada, significando que não fazia a menor idéia a respeito de algo. A azul cortou uma outra pipa grande e roxa, e, majestosa, deu duas voltas no ar. Dez minutos depois, derrubou mais duas, fazendo milhares de garotos saírem desabalados ao seu encaço.

Meia hora depois, só restavam quatro pipas. E eu ainda estava voando. Parecia praticamente impossível fazer algum movimento errado. Era como se todas as rajadas de vento soprassem a meu favor. Nunca me senti tão dono da situação, tão sortudo. Estava embriagado. Não ousava olhar para o telhado lá de casa. Não ousava tirar os olhos do céu. Precisava me concentrar, ficar ligado no que estava fazendo. Mais quinze minutos se passaram e aquilo que,



pela manhã, teria parecido um sonho ridículo tinha, de repente, se tornado realidade: só restávamos nós dois, eu e o outro garoto. O da pipa azul.

O ar em volta estava tão tenso quanto a linha com cerol que eu manejava com as mãos ensangüentadas. As pessoas estavam batendo com os pés no chão, aplaudindo, assobiando, berrando: “*Boboresh! Boboresh! Derrube! Derrube!*” Fiquei me perguntando se a voz de *baba* estaria entre as que eu estava ouvindo. A música tocava altíssima. O cheiro de *mantu* no vapor e de *pakora* frito se espalhava pelo ar, vindo dos telhados e das portas abertas.

Tudo o que ouvia, porém — tudo o que me permitia ouvir —, era o pulsar do sangue na minha cabeça. Tudo o que via era a pipa azul. O único cheiro que sentia era o da vitória. Salvação. Redenção. Se *baba* estivesse enganado, e existisse mesmo um Deus, como me diziam no colégio, então Ele ia deixar que eu vencesse. Não sabia com que objetivo o outro garoto estava competindo, talvez só para exibir os seus dotes. Mas, para mim, aquela era a única chance de me tornar alguém que era olhado, e não apenas visto; que era escutado, e não apenas ouvido. Se existia mesmo um Deus, Ele ia guiar o vento, deixar que soprasse para mim, e assim, com um puxão na corda, eu ia me livrar da minha dor, dos meus anseios. Tinha agüentado muito, chegado longe demais. E, de repente, em um piscar de olhos, a esperança virou certeza. Eu ia ganhar. Era só uma questão de tempo.

Acabou acontecendo mais cedo do que eu imaginava. Uma rajada de vento fez a minha pipa subir e fiquei em vantagem. Dei mais linha e, depois, um puxão. Com isso, a minha pipa fez um *looping* e ficou acima da azul. Mantive essa posição. A pipa azul sabia que estava em apuros. Tentava desesperadamente realizar manobras para sair daquele aperto, mas não deixei. Mantive minha posição. A multidão percebia que o fim da batalha estava próximo. O coro “Derrube! Derrube!” foi ficando cada vez mais forte, como os romanos gritando para os gladiadores: “Mate! Mate!”

— Você está quase lá, Amir *agha*! Quase lá! — exclamou Hassan ofegante.

Então, chegou a hora. Fechei os olhos e afrouxei a pegada na linha. Cortei os dedos novamente quando o vento arrastou a minha pipa. E aí... não precisei ouvir os gritos da multidão para saber. Também não precisei ver nada. Hassan estava gritando e tinha passado o braço pelo meu pescoço.

— Bravo! Bravo, Amir *agha*!

Abri os olhos e o que vi foi a pipa azul rodopiando loucamente, como um pneu que se solta de um carro em alta velocidade. Pisquei várias vezes, tentei dizer alguma coisa. Não saiu som nenhum. De repente, eu estava flutuando no ar, vendo a mim mesmo lá embaixo.



Casaco de couro preto, cachecol vermelho, calça *jeans* desbotada. Um menino magricela, um tanto pálido e meio baixinho para alguém de doze anos. Com ombros estreitos e círculos escuros que se insinuavam em torno dos olhos cor de avelã. O vento despenteava os seus cabelos castanho-claros. Ele ergueu os olhos para mim e sorrimos um para o outro.

Comecei então a gritar, e tudo era cor e som, tudo estava cheio de vida e era maravilhoso. Abracei Hassan com o braço que estava livre e começamos a pular, ambos rindo, ambos chorando.

— Você ganhou, Amir *agha*! Você ganhou!

— Nós ganhamos! Nós ganhamos! — foi tudo o que consegui dizer. Isso não estava acontecendo. Logo, logo estaria piscando os olhos e despertando desse sonho maravilhoso; saindo da cama, descendo até a cozinha para tomar o meu café da manhã sem ter ninguém com quem conversar a não ser Hassan. Me aprontar. Ficar esperando por *baba*. Desistir. De volta à minha velha vida. Foi então que o vi no telhado lá de casa. Estava de pé na mureta, agitando ambos os braços. Gritando e aplaudindo. E aquele ali foi o único momento importante dos meus doze anos de vida: ver *baba* no telhado, finalmente orgulhoso de mim.

Mas, agora, ele estava fazendo alguma coisa, fazendo um gesto com as mãos como quem indica urgência. Então, compreendi.

— Hassan, nós...

— Eu sei — disse ele se desvencilhando do meu abraço. — *Inshallah*, vamos festejar mais tarde. Agora, vou apanhar aquela pipa azul para você — acrescentou. Largou o carretel e saiu correndo, com a borda do *chapan* verde arrastando na neve atrás de si.

— Hassan! — gritei eu. — Volte com ela!

Ele já estava dobrando a esquina, com as botas de borracha levantando neve do chão. Parou e se virou. Pôs as mãos em concha junto da boca.

— Por você, faria isso mil vezes! — disse ele. E deu aquele sorriso de Hassan, desaparecendo então na esquina. Só voltei a vê-lo sorrir assim tão descontraído vinte e seis anos mais tarde, olhando uma foto Polaroid desbotada.